

# COMPETITIVIDADE, CAPACIDADE DE INOVAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL: INTER-RELAÇÕES NO CONTEXTO DO AGRONEGÓCIO SUINÍCOLA NO OESTE DE SANTA CATARINA

*MIGUELANGELO GIANEZINI<sup>1</sup>*  
*KLEITON DOUGLAS SAGGIN<sup>2</sup>*  
*FERNANDA S. BRANDÃO<sup>3</sup>*  
*CÉSAR AUGUSTUS WINCK<sup>4</sup>*  
*CLAUDIO FAVARINI RUVIARO<sup>5</sup>*  
*ALEX LEONARDI<sup>6</sup>*

## Resumo

O desenvolvimento regional é tema de debate nas esferas acadêmica, governamental e empresarial. E dentre os aspectos que influenciam nesta discussão estão a competitividade e a capacidade de inovação destes segmentos e das regiões. No Brasil, uma das principais regiões produtoras de carne suína é o Oeste Catarinense, que concentra mais de 44 mil estabelecimentos e pelo menos três das maiores agroindústrias do setor. Considerando-se o histórico e a atual situação do setor suinícola brasileiro, este artigo busca analisar a aplicabilidade dos conceitos de competitividade, capacidade de inovação e desenvolvimento regional ao sistema agroindustrial da suinocultura na região. Os procedimentos metodológicos incluem uma revisão bibliográfica e teórica para aprofundar conceitos como competitividade, sistemas agroindustriais, inovação e desenvolvimento regional. Como principal resultado observou-se que o Oeste Catarinense é internacionalmente

competitivo na produção de suínos, contando com ambiente institucional e sistema agroindustrial direcionado para o crescimento em produtividade e concentração produtiva. Evidencia-se ainda que os suinocultores atuam em conjunto com as agroindústrias através de contratos de integração, o que lhes garante acesso aos mercados, mas limita o seu poder de decisão sobre a produção. Ratificou-se a per-

cepção, de que o nível de desempenho de uma região, enquanto inserido no contexto de um ambiente concorrencial globalizado, será dependente da capacidade de inovação e do grau de competitividade das organizações e agentes nela inserida.

**Palavras-chave:** Cadeia produtiva. Dinâmica da concorrência. Estratégias. Suinocultura. Planejamento.

<sup>1</sup> Administrador. Pós-Doutor. Doutor em Agronegócios pela UFRGS. Professor e Coordenador em cursos de Graduação e Pós-Graduação. UNESC. E-mail: miguelgianezi@hotmail.com

<sup>2</sup> Agrônomo. Mestre em Agronegócios pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: kleiton-saggin@agricultura.rs.gov.br  
 Veterinária. Doutora em Agronegócios no Centro de Estudos e Pesquisas em Agronegócios (CEPAN), na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: ferbran@terra.com.br

<sup>3</sup> Veterinário. Doutor em Agronegócios pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: cesar.winck@unoesc.edu.br

<sup>4</sup> Zootécnico. Doutor em Agronegócios pelo Centro de Estudos e Pesquisas em Agronegócios (Cepan) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor Adjunto e Pesquisador na Universidade Federal da Grande Dourados, MS. E-mail: clandioruviaro@hotmail.com

<sup>5</sup> Economista. Doutor em Agronegócios pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: alleo123@hotmail.com



## Abstract

The local development is an issue of debate in academic, government and business fields. And the elements that are influencing this discussion are competitiveness and innovation capacity of some sector and regions. In Brazil, the western of Santa Catarina state is the major pork producer, with more than 44 000 farms and at least three of the largest Brazilian industries of this sector. Considering the historical and current situation of Brazilian pig industry, this paper analyzes the applicability of the concepts of competitiveness, innovation and regional development in agro-industrial system of pig farming in the region. The methodology included a literature review on concepts such as competitiveness, agribusiness systems, innovation and regional development. The main results showed that the Western Santa Catarina is internationally competitive in pork production, with the institutional environment and agro-industrial system directed to the growth in productivity and concentration of production. The pig farmers have been working with the companies in contracts through regional integration, which gives them access to markets, but limits their decision-making power over production. Ratified the perception of the performance level of a region, while within the context of a globalized competitive environment, will be dependent on innovation and the degree of competitiveness of the organizations located there.

**Keywords:** Chain production; Dynamic competition; Strategies; Pig; Planning.

**JEL:** R13

## Introdução

As mudanças ocorridas nos últimos anos no agronegócio brasileiro têm forçado as organizações a se adequarem à nova realidade

competitiva. Com a modernização dos setores, a suinocultura passou a estar intimamente vinculada aos emergentes setores industrial, de transporte e de varejo. No interstício destes avanços, os consumidores têm forçado o aparecimento de inovações processuais, de produtos, de marketing e do ambiente organizacional. Assim, o espaço geopolítico torna-se um condicionante das especificidades inerentes às inovações.

O fenômeno da globalização, influenciador das mudanças dos sistemas agroindustriais em nível mundial, está deixando menos espaço para iniciativas de colaboração de nível regional e nacional. Nesse sentido, em termos de desenvolvimento regional, existem regiões "ganhadoras", que conseguem transformar ação cooperativa intra e inter-regional no principal elemento integrador do seu processo de desenvolvimento regional. Este tipo de ação pode resultar em aumento da competitividade do setor como um todo, desencadeando maior capacidade de inserção internacional dos produtos, promovendo emprego, renda e, principalmente, o desenvolvimento de regiões produtoras de carne suína (RUBIN, et al., 2009).

Por outro lado, a concorrência global exige alto nível de flexibilidade, qualidade, produtividade e inovação, se constituindo em ambiente propício para a ascensão de modelos integrativos, entre os quais: cadeias produtivas, sistemas locais de produção, arranjos produtivos, redes de empresas, e no caso deste trabalho, os sistemas agroindustriais, particularmente o da suinocultura no Brasil – que como quarto maior criador mundial – produziu mais de três milhões de toneladas de carne em 2010, sendo a grande maioria para consumo do mercado interno (ABIPECS, 2011).

O Oeste de Santa Catarina é pioneiro e expoente do agronegócio suinícola, com 16% do total de suínos alojados no Brasil. Tradicionalmente,

nesta região predominam pequenas propriedades, de base familiar, e que passaram por processo de desenvolvimento com base na sua vocação para a agropecuária, especialmente a suinocultura, a qual conta com mais de 44 mil estabelecimentos agropecuários nesta atividade (IBGE, 2006). No sistema produtivo da suinocultura do Estado têm-se como atores da Cadeia os suinocultores, que buscam permanecer na atividade adequando-se às exigências das grandes agroindústrias instaladas na região, e fatores como as demandas do mercado, que exigem altos níveis de sanidade, qualidade e rastreabilidade da carne.

Observando este contexto e partindo dos conceitos de competitividade e capacidade de inovação voltadas ao desenvolvimento regional, este artigo pretende identificar a aplicabilidade dos mesmos ao sistema agroindustrial da suinocultura catarinense.

## Método

Para o desenvolvimento do artigo buscou-se inicialmente um estabelecimento de limites para a busca de informações e delineamento da pesquisa (ROESCH, 1999). Observando o critério de classificação de pesquisa, quanto aos objetivos e procedimentos (GIL, 2001), optou-se pela investigação exploratória. Quanto aos procedimentos, realizou-se uma revisão bibliográfica e teórica para aprofundar conceitos como competitividade, sistemas agroindustriais, inovação e desenvolvimento regional, que também foram inseridos como resultados, aliados ao levantamento documental específico para a região Oeste de Santa Catarina.

## Resultados e Discussão

### Competitividade, capacidade de inovação e desenvolvimento regional

Competitividade é a capacidade da firma em implementar estratégias concorrenciais, que lhe permitam

ampliar ou conservar sua posição no mercado. Este conceito encontra-se cada vez mais fundado em condições sistêmicas de natureza social, que abrangem dimensões essenciais como: o reconhecimento e legitimação política e social dos objetivos da competitividade, que requer um compromisso mínimo entre competitividade e equidade; e a qualificação dos recursos humanos envolvidos nos processos produtivos e na gestão das organizações, o que abrange também mútuo reconhecimento entre capital e trabalho nas negociações trabalhistas.

Além disso, deve-se considerar o envolvimento amplo e consciente dos consumidores cada vez mais exigentes em termos de cumprimento às exigências de qualidade e conformidade dos produtos, no tocante ao atendimento às normas de meio ambiente, seguridade e saúde (COUTINHO; FERRAZ, 1995).

Segundo Porter (1999) a competitividade de um país depende da capacidade de sua indústria (conjunto de firmas) de inovar. Para ele, o grande desafio para as nações está em equilibrar a dinâmica de mercado e intervenção estatal. No Japão, por exemplo, a riqueza está no povo, administração e governo, mais do que nos recursos naturais. Assim, a competitividade das nações estaria ligada com suas competências regionais e nenhum país pode ser competitivo em todos os setores produtivos.

Em complemento, Coutinho e Ferraz (1995) postulam ainda que a competitividade de uma nação, região ou setor é resultante da competitividade individual de agentes pertencentes a estes espaços. A competitividade de um país seria então expressa pela capacidade de sustentar uma taxa de crescimento e padrão de vida adequado aos seus cidadãos, proporcionando emprego sem reduzir o potencial de crescimento e o padrão de vida das gerações futuras.

A competitividade relaciona-se também com a capacidade sistêmi-

**“ Neste sentido, a inovação pode ser entendida como a reconfiguração de elementos em uma combinação mais produtiva, tendo assim um significado amplo nas sociedades cada vez mais fundamentadas no conhecimento. ”**

ca de organização e coordenação das cadeias produtivas, a partir das formas de governança estabelecidas entre os diferentes agentes (privados e públicos) que a constituem (JANK; NASSAR, 2000). Nesse sentido, para Batalha e Silva (2009) existiria uma relação causal entre a conduta estratégica de uma organização e seu desempenho eficiente.

Desta forma, a raiz da competitividade de uma organização está na posse de recursos e ativos especiais, que têm características de valor, heterogeneidade e que não podem ser copiados ou substituídos. Estes ativos e recursos constituem uma complexa hierarquia de capacidades (GUAN et. al., 2006) – que representa a base da competitividade da organização – e vão salvaguardar as posições da organização nas áreas de gestão estratégica e tecnologia.

No mesmo contexto, a competitividade de uma organização pode ser descrita em termos de quatro fatores: capacidade de inovação; relações chaves, internas e externas; reputação; e ativos estratégicos (VILANOVA; LOZANO; ARENAS, 2008).

Em termos de alinhamento estratégico, destacam-se os recursos, as competências e a capacidades de inovação da firma (FORTUIN,

2006). Sendo a inovação definida como: introdução de um novo bem; introdução de um novo método de produção; abertura de um novo mercado; conquista de uma nova fonte de oferta de matérias-primas ou de bens semimanufaturados; criação de novas estruturas de mercado em uma indústria (SCHUMPETER, 1934).

Neste sentido, a inovação pode ser entendida como a reconfiguração de elementos em uma combinação mais produtiva, tendo assim um significado amplo nas sociedades cada vez mais fundamentadas no conhecimento. Além de ser percebida como desenvolvimento de novos arranjos organizacionais (ETZKOWITZ, 2009), que melhoram o próprio processo inovador.

Desta forma, a firma é um local de criação de riqueza e inovação, resultado da combinação efetiva de diferentes fatores, bem como dos desafios tecnológicos e oportunidades de negócios (SHUMPETER, 1942). Estes desafios estão relacionados com o aumento constante de novos mercados; o gerenciamento das mudanças dos ciclos de vida do produto; a exploração tecnologias emergentes e perante a adaptação da firma em tempos que o mercado está em colapso (FOURTUIN, 2006).

Por conseguinte, a *capacidade de inovação* é definida como o potencial interno para gerar novas idéias, identificar novas oportunidades no mercado e desenvolver uma inovação comercializável através dos recursos e competências existentes nas organizações, sendo a capacidade de inovação um dos indicadores mais completos para auferir o desempenho competitivo de uma organização (MOLINA-PALMA, 2004).

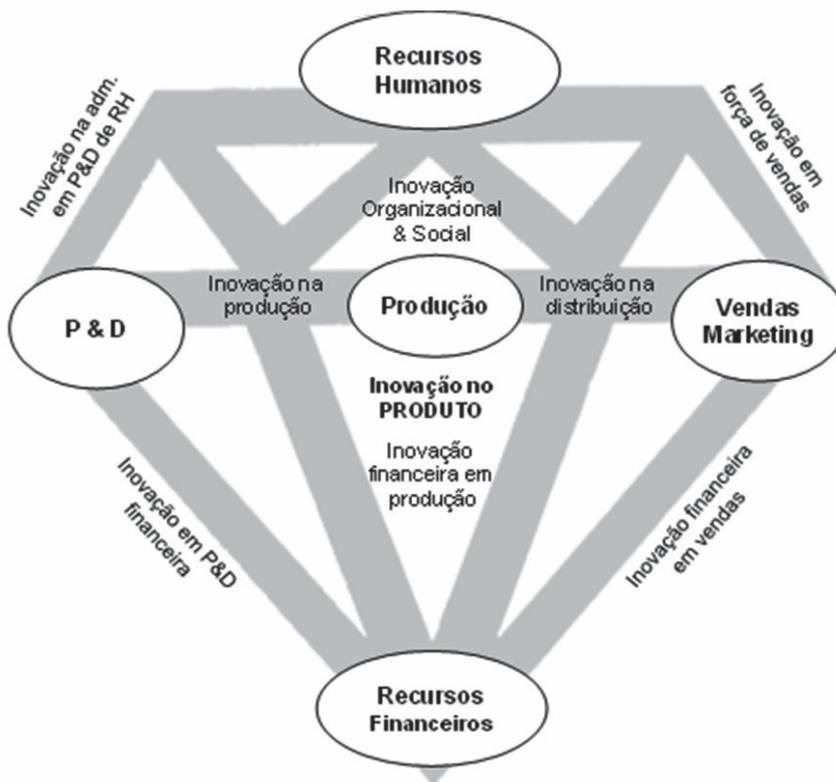
Deste modo, o desempenho organizacional é influenciado pelos recursos humanos e particularidades administrativas, localização, tamanho e história do empreendimento. Juntamente, a capacidade de inovação, os recursos financeiros (capital e crédito) e as políticas internas e externas que regem a firma influen-

ciam a competitividade da mesma (WALKER, 2004), conseqüentemente o desempenho das regiões.

A capacidade da organização em sustentar-se durante um longo período de maturação ou de agregar valor para ser adquirida no futuro é um elemento característico da sua competitividade e esta é uma função da capacidade de inovação.

Tomando como base os pressupostos de Giget (1997), o qual menciona que a inovação está intimamente relacionada com os Recursos Humanos, Produção, Pesquisa e Desenvolvimento, Marketing e Vendas, e Recursos Financeiros, balizando a estrutura e as possibilidades inovadores em uma organização (Figura 1).

Figura 1 - Diamante da Inovação Total.



Fonte: adaptado de GIGET, 1997.

Em complemento, para Neely e Hii (1998), a capacidade de inovação de uma organização pode ser definida como o potencial para gerar uma saída inovadora, sendo este potencial dependente da inter-relação sinérgica da cultura da empresa, dos processos internos e das relações inter-organizacionais.

A dinâmica própria de *desenvolvimento regional*, por sua vez, se constitui pela combinação da maior capacidade de inovação, gerando melhor desempenho competitivo e desenvolvendo potencialidades locais (BECKER; WITTMANN, 2003) com aproveitamento das oportunidades globais. Neste sentido, Porter (1999) estabelece elementos necessários para a competitividade de uma determinada região. Entre eles estão: estrutura organizacional e rivalidade; demanda exigente; firmas inter-relacionadas e de apoio; rivalidade entre firmas; qualidades definidas (competências, infraestrutura, pesquisa e

“ Tais modelos são resultantes do envolvimento direto dos agentes políticos, econômicos, sociais na concepção e execução de projetos de desenvolvimento de determinado local. ”

desenvolvimento); produtividade; capital etc.

O desenvolvimento regional é fruto do estímulo do capital social (valores culturais), uma vez que as regiões podem responder ativamente aos desafios da globalização, construindo modelos próprios de desenvolvimento (KUMAR, 1997). Tais modelos são resultantes do envolvimento direto dos agentes políticos, econômicos, sociais na concepção e execução de projetos de desenvolvimento de determinado local.

A dinâmica do desenvolvimento contemporâneo é síntese de dois processos contrários: a) globalização, caracterizada pela transnacionalização dos espaços econômicos (ação de fora para dentro), enquanto direção econômica-corporativa do desenvolvimento; e b) regionalização, representada pela localização, reação sócio-ambiental do desenvolvimento (de dentro para fora), conforme os interesses dos agentes locais (BECKER; WITTMANN, 2003).

Para os mesmo autores, a reação ativa e/ou nascida da integração social entre os diferentes atores, resulta da capacidade organizacional dos agentes regionais de superar contradições e conflitos, construindo projeto de desenvolvimento próprio e vinculando interesses capitalistas aos interesses regionalizados, por meio da equação que segue no quadro a seguir.



de compra e venda de insumos com os produtores. Basicamente, a indústria passou a ditar como e quando ocorre a criação e o abate de suínos, controlando o sistema de produção, fornecendo os leitões, a ração e a assistência técnica ao produtor, o qual deve entregar a produção após o tempo estabelecido em contrato a determinado preço de comercialização.

Com o período de modernização agrícola, característica do movimento da Revolução Verde nas décadas de 1960 e 1970, a forma de produção proposta pela agroindústria integradora foi o modelo tecnificado, em que se produz com plantel de genética apurada, e nutrição e sanidade adaptadas as exigências da produção, permitindo alcançar resultados melhores do que a antiga forma de produção, considerada tradicional, onde os animais possuem baixo desempenho zootécnico e alta relação gordura/carne.

Convém observar, que segundo Costa et al. (2005), o modelo tradicional não foi abandonado totalmente pelos produtores catarinenses. A suinocultura catarinense vem se destacando, conforme dados da ABCS (2011), pois é competitiva internacionalmente, tendo bons índices de produção, tanto na indústria como no campo, sendo considerada a segunda principal atividade agropecuária participando com 19% do PIB estadual. Contribui com 45% das exportações brasileiras, sendo que grandes empresas de suínos, tais como Perdigão, Seara, Sadia, Aurora estão concentradas em Santa Catarina (ACCS, 2011).

Além disso, o Estado conta com mão de obra qualificada, clima favorável, é considerada livre da febre aftosa desde 1993, livre da peste suína clássica desde 1990, e possui reconhecimento nacional como área livre sem vacinação desde 2002. Outros pontos positivos para o estado são a eficiência das barreiras sanitárias, os trabalhos em prol da manutenção e recuperação do meio ambiente e o fácil acesso ao Porto de Itajaí.

“ **Dados de comercialização evidenciam que, após a crise econômica mundial com início em 2008, apesar de um aumento de 13,5% nas exportações de carne suína até novembro de 2009, os ganhos em receita não foram proporcionais devido à queda do preço internacional em 28,7% (EPAGRI, 2009).** ”

Esta região possui 78% dos suínos e 54% dos estabelecimentos suinocultores de Santa Catarina (IBGE, 2006). Ainda, segundo dados do último censo agropecuário, a região concentra 16% do total de cabeças de suínos do país, sendo que o Brasil é o 4º maior criador mundial de suínos, tendo produzido mais de três milhões de toneladas desta carne em 2008 (ABIPECS-EMBRAPA, 2009), a grande maioria para consumo do mercado interno.

Embora se perceba a importância da produção de suínos na região e no Estado, está ocorrendo uma concentração da produção de suínos em um número menor de produtores, e segundo um estudo realizado pela Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina - EPAGRI, com previsões para os sistemas agroalimentares até 2015 revela que a tendência regional para a suinocultura é de que o número de animais mínimo necessário para

a integração produtor-indústria, que atualmente é de 300 em média, passará a ser de 500 animais. E este será um novo fator para exclusão de alguns suinocultores desta atividade (ALTMANN; MIOR; ZOLDAN, 2008).

Dados de comercialização evidenciam que, após a crise econômica mundial com início em 2008, apesar de um aumento de 13,5% nas exportações de carne suína até novembro de 2009, os ganhos em receita não foram proporcionais devido à queda do preço internacional em 28,7% (EPAGRI, 2009).

A região também conta com diversas universidades, cooperativas e associações de agricultores, e com a Embrapa Aves e Suínos, instalada no município de Concórdia e dedicada ao desenvolvimento destas atividades na região.

Na década de 90 ocorreu a exclusão de 52 mil agricultores da atividade suinícola no Brasil, o que levou a uma maior concentração da atividade produtiva (SCHUBERT e NIEDERLE, 2009), incluindo produtores de Santa Catarina. A integração da produção ainda é a forma mais difundida de coordenação das transações entre produtores de suínos e agroindústrias (MIELE e WAQUIL, 2007).

#### **Inter-relação dos elementos com o sistema agroindustrial suinícola no contexto do agronegócio catarinense e brasileiro**

O sistema agroindustrial é um conjunto de atividades desde a produção de insumos até a obtenção do produto final, independente do nível tecnológico ou processo de transformação aos quais tenham sido submetidos (CALLADO e CALLADO, 2008). Além disso, pode ser caracterizado (BATALHA e SILVA, 2009) como um conjunto formado por elementos e subelementos interagindo entre si nas seguintes condições: localizado em determinado ambiente; exercendo atividade ou cumprindo função;

possui estrutura e evolui como tempo; e tem objetivos definidos. Para Callado e Callado (2008), existe uma interdependência entre os vários agentes participantes do sistema agroindustrial. Assim, em uma abordagem sistêmica obviamente uma perturbação em qualquer elo deste sistema, trará conseqüências para os demais elos.

Estas considerações indicam porque a gestão de um sistema agroindustrial deve ser feita de maneira eficiente e eficaz. A eficácia do sistema pode ser definida como a capacidade que este possui de atender às necessidades de seus consumidores, perpassando pela *capacidade de inovação*. Para que isto ocorra (BATALHA; SILVA, 2009) é fundamental que todos os agentes componentes do sistema agroindustrial tenham profundo conhecimento dos atributos de qualidade que os consumidores almejam. No entanto, Batalha e Silva (2009) salientam que além de eficazes, os sistemas agroindustriais devem ser eficientes, na expressão de dois conjuntos distintos de fatores. Primeiramente na gestão interna dos agentes do sistema, os quais devem dispor de um ferramental gerencial moderno e adaptado às suas necessidades, melhorando seu desempenho e competitividade. Como segundo espaço de intervenção para a gestão eficiente do sistema agroindustrial, está a coordenação adequada das transações que ocorrem entre seus agentes, que podem resultar em um maior grau de desenvolvimento regional.

No contexto deste trabalho, a compreensão dos sistemas agroindustriais traz a noção de que a suinocultura deve ser vista como parte de um sistema mais amplo, composto também pelos produtores de insumos, pelas agroindústrias e pelos agentes de distribuição e comercialização. Aqui se ressalta o “aspecto dinâmico” (BATALHA; SILVA, 2009) do entendimento de sistemas agroindustriais no âmbito do agronegócio suinícola, que deve considerar

a gestão tecnológica, marketing, estratégia e política industrial. Este aspecto dinâmico traduz-se também pela participação de maneira coordenada de produtores agropecuários, distribuidores, agroindústrias, além de financiadores, transportadores e outros agentes.

Além disso, como fatores externos, foram observadas neste trabalho as principais mudanças estruturais decorrentes da globalização, que ocasionaram a necessidade de incrementar a competitividade do agronegócio brasileiro (afetando a cadeia suinícola), sendo de acordo com Jank& Nassar (2000): a abertura comercial; a desregulamentação dos mercados; a reformas na política agrícola brasileira; a consolidação de novos blocos econômicos no cenário mundial; a desregulamentação/privatização de setores ligados à infra-estrutura; e a estabilização econômica, além de eventuais questões sanitárias.

Do ponto de vista do mercado internacional de produtos agroindustriais, conforme a Associação Brasileira da Indústria Produtora e Exportadora de Carne Suína (ABIPECS, 2011), o atual panorama da cadeia suinícola brasileira *for export* é pautado pelo aumento robusto da produção, pelo aumento da produtividade resultante de avanços tecnológicos; pela maior oferta das carnes dos países concorrentes a preços competitivos; pela comercialização prejudicada pela crise financeira de 2008; pela acentuada queda nos preços; pela valorização do real e pela pressão sobre custos.

Assim, pode-se inferir que a competitividade da suinocultura brasileira em relação a seus principais concorrentes internacionais será determinante para o sucesso do setor nos próximos anos, o que remete aos conceitos revisados neste trabalho e sua aplicação ao ambiente agronegocial no qual esta se insere.

Observou-se que a mesma, de maneira geral, apresenta diferentes níveis de competitividade, capacidade de inovação, e conseqüentemente,

“

*De maneira geral, as características regionais e o modo produtivo permitem a inferência de que a competitividade da suinocultura no Oeste Catarinense e do Brasil em relação a seus principais concorrentes internacionais será determinante para o sucesso do setor nos próximos anos...*

”

diferentes etapas de desenvolvimento regional, uma vez que compreendeu-se que a dimensão sistêmica da inovação está relacionada com o processo de desenvolvimento econômico.

De maneira geral, as características regionais e o modo produtivo permitem a inferência de que a competitividade da suinocultura no Oeste Catarinense e do Brasil em relação a seus principais concorrentes internacionais será determinante para o sucesso do setor nos próximos anos, o que remete aos conceitos revisados neste trabalho e sua aplicação ao ambiente agronegocial no qual esta se insere.

Observa-se que a região do estudo possui capacidade de inovação tanto para o desenvolvimento das agroindústrias, especialmente pela formação de mão-de-obra e pelo suporte institucional existente, mas também pelas inovações organizacionais. Ainda, mesmo sendo a última região colonizada no Estado de Santa

“

*Na região, surgem ano após ano, empresas produtoras de equipamentos para a produção (metal-mecânica, núcleos minerais e vitamínicos, vacinas e medicamentos) e proliferam-se pequenos, médios e grandes frigoríficos que abastecem a região e permitem a exportação de cortes...*

”

Catarina, o Oeste Catarinense pautou sua evolução sobre uma dimensão sistêmica da inovação, refletida com o seu processo de desenvolvimento econômico.

Na região, surgem ano após ano, empresas produtoras de equipamentos para a produção (metal-mecânica, núcleos minerais e vitamínicos, vacinas e medicamentos) e proliferam-se pequenos, médios e grandes frigoríficos que abastecem a região e permitem a exportação de cortes e derivados de carne para mais de 150 países (ABCS, 2011)

Analisando os aspectos abordados, percebe-se que mesmo com a produção de suínos baseada em pequenas propriedades, e com mão-de-obra predominantemente familiar, a produção baseia-se em princípios de inovação e de forma competitiva, pois os resultados de produção e qualidade do suíno entregue aos frigoríficos de forma integrada ou não-integrada comprovam que a região

e o Estado produzem a carne que o mercado nacional e internacional demandam.

A utilização de formas de organização produtiva, equipamentos, nutrição, sanidade preventiva e técnicas de manejo desenvolvidas em parceria com universidades e empresas públicas de pesquisa, demonstram que a cadeia produtiva da suinocultura está adotando a inovação como forma de competir mercadologicamente e permitindo o desenvolvimento regional de forma concreta e constante.

#### 4. Considerações Finais

O Oeste Catarinense vem se desenvolvendo condicionado à capacidade de inovação e incremento de produtividade das suas agroindústrias, geralmente decorrentes de inovação organizacional, como os contratos de integração. Se por um lado, este é um fator positivo economicamente e permite a expressão desta região em nível nacional, por outro lado, exclui parte dos suinocultores desta atividade por incapacidade de adaptação. A tendência destes produtores é a inserção em cadeias produtivas concorrentes, como o leite e a avicultura.

E de maneira específica, no caso da suinocultura brasileira e do oeste catarinense, houve uma ratificação da percepção, comum a muitos dos sistemas agroindustriais brasileiros, de que o nível de desempenho de uma região ou sistema agroindustrial, enquanto inserido no contexto de um ambiente concorrencial globalizado, será dependente da capacidade de inovação e do grau de competitividade das organizações e agentes nela inserida. De forma complementar, cabe destacar as particularidades inerentes às características edafoclimáticas da região, a localização estratégica da mesma, os aspectos culturais, a disponibilidade de recursos humanos e de capital, assim como as políticas públicas que regem o agronegócio da suinocultura.

#### Referências

ABCS - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DOS CRIADORES DE SUÍNOS. **Suínos**. Disponível em: <<http://www.suino.com>>. Acesso em: 13 mar. 2013.

ACCS - ASSOCIAÇÃO CATARINENSE DE CRIADORES DE SUÍNOS. **A suinocultura de Santa Catarina**. Disponível em: <[http://www.accs.org.br/dados\\_ver.php?id=2](http://www.accs.org.br/dados_ver.php?id=2)> Acesso em: 14 mar. 2013.

ABIPECS -ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA PRODUTORA E EXPORTADORA DE CARNE SUÍNA. **Produção Mundial de Carne Suína**. In: Site Institucional. Disponível em: <<http://www.abipecs.org.br/pt/estatisticas/mundial/producao-2.html>>. Acesso em: 11 mar. 2013.

ABIPECS-EMBRAPA. Dados sobre a produção de carne suína, 2009. In: **Associação Brasileira da Indústria Produtora e Exportadora de Carne Suína**. Site Institucional. Disponível em: <<http://www.abipecs.org.br/pt/estatisticas.html>>. Acesso em: 05 mar. 2013.

ALVES, P.A.; MATTEI, L.F. Migrações no Oeste Catarinense: História e Elementos Explicativos. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 15., Caxambu, 2006. **Anais..** Caxambu, 2006.

ALTMANN, R.; MIOR, L.C.; ZOLDAN, P. **Perspectivas para o sistema agroalimentar e o espaço rural de Santa Catarina em 2015: percepção de representantes de agroindústrias, cooperativas e organizações sociais**. Florianópolis: Epagri, 2008.

BATALHA, M. O.; SILVA, A. L. **Gerenciamento de sistemas agroindustriais: definições, especificidades e correntes metodológicas**. In: BATALHA, Mário Otávio. **Gestão agroindustrial**. São Paulo: Atlas, 2009. p.2-62. (v. 1).

- BECKER, D.; WITTMANN, M. L. **Desenvolvimento Regional**: abordagens interdisciplinares. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.
- CALLADO, A. A. C.; CALLADO, L. C. **Sistemas Agroindustriais**. In: CALLADO, Antonio André Cunha (Org.). Agronegócio. São Paulo: Atlas, 2008. p.1-19.
- COUTINHO L.; FERRAZ J. **Estudo da Competitividade da Indústria Brasileira**. Rio de Janeiro: Papirus, 1995.
- COSTA, T.V.M.; OLTRAMARI, A.P.; MONTOYA, M.A.; ONGARATTO, A.P.; BENETTI, L.. A competitividade da suinocultura na região da Produção/RS através da análise do cluster agroindustrial. **Teoria e Evidência Econômica**, v.9, n.17, 2005.
- EPAGRI – Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina. **A Lenta Recuperação das Exportações de Carnes (18/12/2009)**. Disponível em: <[http://cepa.epagri.sc.gov.br/Informativos\\_agropecuarios/Carnes/carne\\_exportacao\\_18.12.09.htm](http://cepa.epagri.sc.gov.br/Informativos_agropecuarios/Carnes/carne_exportacao_18.12.09.htm)>. Acesso em: 12 mar. 2013.
- ETZKOWITZ, H. **Hélice tríplice**: universidade-indústria-governo. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.
- FORTUIN, F, T, J, M. **Aligning Innovation to Business Strategy**. Combining Cross-Industry and Longitudinal Perspectives on Strategic Alignment in Leading Technology-based Companies., Wageningen University, 2006.
- GARCIA, F.; GOLDBAUM, S. O pensamento econômico latino-americano: o manifesto cepalino de Prebisch. In: FUSFELD, Daniel. **A era do economista**. São Paulo: Saraiva, 2001. p. 290 -303.
- GIGET, M. Technology, innovation and strategy. **International Journal of Technology Management**, v.14, 1997.
- GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2001.
- GOMES, B. C. **Estratégia em primeiro lugar**. HSM management. n. 15, ano 3 jul./ago. 1999.
- GUAN, J. C.; MOK, C. K.; YAM, R. C. M.; CHIN, K. S.; PUN, K. F. Technology transfer and innovation performance: Evidence from Chinese firms. **Technological Forecasting & Social Change**, v. 73, n. 6, 2006. p. 666–678.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Agropecuário de 2006**. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/pesquisas/ca/default.asp#8>>. Acesso em 20 mar 2013.
- ICEPA. Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola - Epagri/Cepa. **Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2009-2010**. 2011. Disponível em: <[http://cepa.epagri.sc.gov.br/Publicacoes/Sintese\\_2010/sintese%202010\\_inteira.pdf](http://cepa.epagri.sc.gov.br/Publicacoes/Sintese_2010/sintese%202010_inteira.pdf)> Acesso em: 13 mar. 2013.
- JANK, M. S.; NASSAR, A. M. Competitividade e globalização. In: ZYLBERSZTAJN, D.; NEVES, M. F. (Org.). **Economia e gestão dos negócios agroalimentares**: indústria de alimentos, indústria de insumos, produção agropecuária. São Paulo: Pioneira, 2000. p. 137-163.
- KUMAR, K. **Da sociedade pós-industrial à pós-moderna**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- MIELE, M.; WAQUIL, P.D. Dinâmica Econômica e Organizacional dos Estabelecimentos Suinícolas de Santa Catarina. In: CONGRESSO DA SOBER, 2007. 45., Loderina, 2007. **Anais...** Londrina, 2007.
- MOLINA-PALMA, M. A. **A capacidade de inovação como formadora de valor**: análise dos vetores de valor em empresas brasileiras de biotecnologia. 2004. Tese (Doutorado) - Departamento de Administração, Universidade de São Paulo, 2004.
- NEELY, A.; HII, J. **Innovation and Business Performance**: a Literature Review. Government Office of the Eastern Region. University of Cambridge, 1998. Disponível em: <<http://www.som.cranfield.ac.uk/som/cbp/literaturereviewcomplete.pdf>> Acesso em: 12 mar. 2013.
- PAIM, E.A. Aspectos da Constituição Histórica da Região Oeste de Santa Catarina. **Saeculum – Revista de História**, n.14, 2006.
- PEREIRA, C.J. **O Desenvolvimento Econômico do Oeste Catarinense**. 2007. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Gestão de Negócios, Universidade Católica de Santos, 2007.
- PORTER, M. E. A Vantagem Competitiva das Nações. In: **Competição: Estratégias Competitivas Essenciais**. São Paulo: Campus, 1999.
- ROESCH, S. M. A. **Projetos de Estágio e de Pesquisa em Administração**: guia para estágios, trabalhos de conclusão, dissertações e estudo de caso. 2 ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- SCHUMPETER, J. **The Theory of Economic Development**, Harvard University Press, Cambridge, Massachusetts, 1934.
- SCHUMPETER, J. **Capitalismo, socialismo e democracia**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, traduzido em 1961.
- SCHUBERT, M.N.; NIEDERLE, P.A.. Estratégias competitivas do cooperativismo na cadeia produtiva do leite: o caso da Ascooper, SC. In: CONGRESSO DA SOBER, 49., Porto Alegre, 2009. **Anais...** Porto Alegre, 2009.
- VILANOVA, M.; LOZANO, J.M.; ARENAS, D. Exploring the Nature of the Relationship between CSR and Competitiveness. **Journal of Business Ethics**, 2008. p. 57-69.
- WALKER, G. **Modern Competitive Strategy**. Boston: McGraw-Hill Irwin, 2004.